

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
CENTRO DE ESTUDOS LATINO-AMERICANOS SOBRE CULTURA E
COMUNICAÇÃO

ALINE GOMES SOARES

**Integração social de imigrantes e refugiados árabes na cidade de
São Paulo: um estudo de caso do estabelecimento Al Janhia**

São Paulo

2019

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES

CENTRO DE ESTUDOS LATINO-AMERICANOS SOBRE CULTURA E
COMUNICAÇÃO

**Integração social de imigrantes e refugiados árabes na cidade de
São Paulo: um estudo de caso do estabelecimento Al Janiah**

Aline Gomes Soares

Trabalho de conclusão de curso apresentado
como requisito parcial para obtenção do título
de Especialista em Gestão de Projetos
Culturais

Orientadora: Profa. Dra. Neide Takahashi

São Paulo

2019

Integração social de imigrantes e refugiados árabes na cidade de São Paulo: um estudo de caso do estabelecimento Al Janiah¹

Aline Gomes Soares²

Resumo: O debate sobre a questão do refúgio é cada vez mais frequente. Muitas vezes os refugiados vão para países culturalmente diferentes. O Brasil é um país que se destaca por receber refugiados árabes, que muitas vezes trabalham com culinária nas mais diferentes funções: desde auxiliares de cozinha até empreendedores do próprio estabelecimento. Esta pesquisa tem como estudo de caso o bar, restaurante, espaço político e cultural Al Janiah, localizado no bairro do Bixiga e fundado por Hasan Zarif, um brasileiro filho de refugiados palestinos. O objetivo é investigar de que modo um estabelecimento da área da alimentação pode se tornar um lugar de resistência e de luta da identidade árabe, e compreender e analisar como esse espaço é, também, um lugar de integração dos refugiados e imigrantes em um território novo.

Palavras-chave: Al Janiah. Restaurante árabe. Resistência. Alimentação. Integração.

Abstract: The debate on the question of refuge is frequent. Refugees often go to culturally different countries. Brazil is a country that stands out for receiving Arab refugees, who often work with cuisine in the most different functions: from kitchen assistants to entrepreneurs of the establishment itself. This research has as a case study the bar, restaurant, political and cultural establishment Al Janiah, in the Bixiga's neighborhood and founded by Hasan Zarif, a Brazilian son of Palestinian refugees. The aim is to investigate how a food establishment may become a place of resistance and struggle for Arab identity, and to understand and analyze how this space is also a place of integration of refugees and immigrants into a new territory.

Key words: Al Janiah. Arab establishment. Resistance. Alimentation. Integration

Resumen: El debate sobre la cuestión del refugio es cada vez más frecuente. Muchas veces los refugiados van a países culturalmente diferentes. Brasil es un país que recibe refugiados árabes, que muchas veces trabajan con culinaria en las más diferentes funciones: desde auxiliares de cocina hasta emprendedores del propio establecimiento. Esta investigación tiene como estudio de caso el bar, restaurante y espacio político y cultural Al Janiah, ubicado en el barrio del Bixiga y fundado por Hasan Zarif, un brasileño hijo de refugiados palestinos. El objetivo es investigar de qué modo un establecimiento del área de la alimentación puede convertirse en un lugar de resistencia y de lucha de la identidad árabe y comprender y analizar cómo ese espacio es también un lugar de integración de los refugiados e inmigrantes en un territorio nuevo.

Palabras clave: Al Janiah. Restaurante árabe. Resistencia. Alimentos. La integración

¹ Trabalho de conclusão de curso apresentado como condição para obtenção do título de Especialista em Gestão de Projetos Culturais

² Graduada em Design Gráfico pelo Centro Universitário Belas Artes de São Paulo (2008)

1. INTRODUÇÃO

A imigração árabe no Brasil começou oficialmente no século XIX, foi intensa no século XX devido às Guerras Mundiais, e no século XXI temos um grande número de imigrantes árabes aqui chegando, principalmente sírios, devido à Guerra Civil Síria.

No final do século XIX e início do século XX, os imigrantes árabes desempenharam, em sua maioria, a função de mascate e trabalhavam como caixeiros viajantes para sobreviverem, aprimorando-se no comércio. Na década de 1920, eles se estabeleceram nas cidades, incluindo São Paulo, desenvolvendo trabalhos como comerciantes, principalmente das áreas têxteis e alimentícias. (LESSER, 2001, p. 104)

É considerado árabe o povo ou a pessoa que tenha origem na região arábica, localizada parte no Oriente Médio e parte na África setentrional. Referente à essa região, os povos que migraram em maior número para o Brasil foram os sírios e os libaneses. (LESSER, 2001, p. 88)

São Paulo é uma cidade conhecida por abrigar, principalmente ao longo do século XX, diversos estrangeiros que enraízam aqui suas culturas, hábitos e histórias. Junto com italianos, japoneses, chineses, angolanos, coreanos, entre tantas outras nacionalidades, o árabe é um importante componente nesse mosaico cultural.

A presença do árabe na região central paulistana, como nos bairros Brás, Bom Retiro, Pari e entornos da Rua 25 de Março, é conhecida pelos moradores da cidade de São Paulo. A culinária é um fator importante para o contato do paulistano com essa cultura, pois os restaurantes árabes desses redutos são bastante populares.

Nos últimos anos, tem sido grande o número de refugiados sírios que chegam à cidade de São Paulo por conta das consequências das guerras em seu país. Devido às facilidades burocráticas do governo brasileiro em relação a eles, acabam encontrando aqui um lugar para se instalarem, alguns com mais dificuldade, e outros, com mais facilidade.

Pode-se observar, durante o início do século XXI, um aumento significativo de restaurantes árabes na cidade de São Paulo. Esse fato reflete a chegada das pessoas em situação de refúgio, que, em sua grande maioria, saem de seus países sem saber falar português e, por esse motivo, a procura de empregos no Brasil é dificultada. Através da comida, que é uma "linguagem" universal, encontram um modo de sobreviverem, trabalhando muitas vezes como cozinheiros, auxiliares de cozinha ou abrindo os seus próprios estabelecimentos culinários. A culinária árabe é, em geral, conhecida pelo paladar

do paulistano, o que é um facilitador para que os novos restaurantes com essas comidas típicas sejam bem-vindos na região.

Esta pesquisa, qualitativa, fez um estudo de caso do Al Janiah, que é um estabelecimento alimentício e cultural, onde funciona um bar com cozinha árabe e ao mesmo tempo acontecem eventos políticos e culturais. Inaugurado em 2016, está localizado no bairro do Bixiga, região central de São Paulo. Foi analisado de que modo esse local tão singular pode contribuir como forma de resistência da identidade árabe e, ao mesmo tempo, ser um espaço de integração social de imigrantes e refugiados em sua nova cidade.

Para tanto, foram feitas oito observações com análises em campo, em noites de programações variadas, entrevistas com o proprietário Hasan Zarif, com o gerente Alaa Kaseem, com a frequentadora assídua que também se apresenta com uma roda de samba no local, Mara Almeida, e com o frequentador esporádico Pablo Rubinstein. No campo teórico, foram feitas pesquisas sobre os temas da alimentação, identidade cultural, conflitos árabes e também suas histórias no contexto brasileiro.

Sobre a chegada dos árabes no Brasil e sua relação com a culinária em São Paulo, primeiramente foi pesquisado o artigo "Alimentação e memória árabe na área central da cidade de São Paulo" da revista Contextos da Alimentação (2015). Jeffrey Lesser (2001) também aborda a questão dos imigrantes que contribuíram com a construção da sociedade brasileira que conhecemos hoje em "A negociação da identidade nacional".

Para melhor compreender o fluxo migratório atual dos sírios para o Brasil, e também sobre as principais questões do Al Janiah sobre a Palestina, faz-se importante uma breve explanação sobre dois conflitos contemporâneos do Oriente Médio, que são, A Questão Palestina e a Guerra Civil Síria. Para isso foram pesquisados o artigo "A crise na Síria (2011 - 2013) – uma análise multifatorial", de Danny Zahreddine, da revista Conjuntura Austral (2013), o livro "Uma história dos povos árabes", de Albert Hourani (2006), e o livro "O que é a Questão Palestina", de Helena Salem (1991).

Dados e conceitos sobre refúgio e migração foram pesquisados em sites oficiais, como ACNUR (Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados), migrante.org.br, ONU BR e UNHCR ACNUR, que é a Agência da ONU para Refugiados no Brasil. Também foi pesquisada a lei 9474 em planalto.gov.org.

Zygmunt Bauman (2017), em seu livro "Estranhos à nossa porta", reflete sobre as grandes migrações em massa e as dificuldades dos refugiados no mundo contemporâneo,

onde são vítimas de xenofobia por conta de uma cultura ocidental dominante, que faz crescer o medo do diferente como forma de controle. Os estudos de Stuart Hall "Da diáspora: identidades e mediações culturais", e "A identidade cultural na pós-modernidade" (2014), também contribuíram de forma significativa para a pesquisa.

Georg Simmel, em "Sociologia da refeição – estudos históricos" (2004), pesquisou sobre a alimentação, que é uma necessidade básica do ser humano, e aponta que o ato de comer com outra(s) pessoa(s) rege as leis determinantes do viver em grupo e é importante também para criar noção de identidade cultural.

2. IMIGRANTES E REFUGIADOS

O trânsito de pessoas pelo mundo cresceu exponencialmente nos últimos anos. No final de 2016, por conta de diversos conflitos nacionais, civis ou estatais, principalmente na região do Oriente Médio, as pessoas vêm buscando melhores condições de vida em outros países, e o Brasil é um lugar que se destaca em receber os imigrantes e refugiados. Entre os anos de 2007 e 2017, o Brasil recebeu 10145 refugiados, sendo que desses, 2771 são sírios.³

Apesar de muitas vezes o imigrante árabe não ter tido condições fáceis de imigração, e em diversos aspectos aproximar suas características de pessoas em situação de refúgio, deve-se, em termos teóricos e conceituais, distinguir um refugiado de um imigrante.

Imigrantes são as pessoas que saem de seus países, em direção a outros de modo voluntário, em busca geralmente de melhores condições de vida. Mesmo saindo por motivos graves, como fugir da fome ou da extrema pobreza, teoricamente, eles têm o direito de retornar e entrar em seus países livremente.

Já a situação dos refugiados, é considerada mais delicada. São pessoas que estão fora de seus países por motivos de perseguição, conflito, violência, guerra, ou outras circunstâncias que perturbam a ordem pública, e que precisam de proteção internacional. Para eles pode ser extremamente perigoso voltar aos seus países de origem.

Os imigrantes e refugiados árabes ao redor do mundo, atualmente, enfrentam dificuldades como racismo e xenofobia por causa de uma cultura ocidental hegemônica, branca, cristã e dominadora, que ensina as pessoas a terem medo do que julgam ser diferente.

³ Disponível em https://www.acnur.org/portugues/wp-content/uploads/2018/04/refugio-em-numeros_1104.pdf
Acesso em 13 de fevereiro de 2019.

O árabe, por ser se distanciar em tantos aspectos dessa outra cultura, acaba sofrendo com preconceitos de origem xenofóbica mesmo quando é refugiado de guerra.

Bauman (2017) afirma que hoje há a desestabilização do Oriente Médio, provocada por anos de abusos militares de potências ocidentais. Esse fato levou ao colapso de vários Estados árabes, e conseqüentemente, a um imenso número de refugiados e pessoas em busca de asilo, que se somam aos imigrantes, acessando outros países. Segundo o teórico, a mídia tem uma parte da responsabilidade da perpetuação da xenofobia ao associar aos refugiados a 'crise migratória', responsabilizando-a pelo colapso do mundo contemporâneo que até então se conhecia.

Já Hall, ao criticar as conseqüências da globalização cita Kevin Robins:

[...] o capitalismo global é, na verdade, um processo de ocidentalização [...] Em um processo de desencontro cultural desigual, as populações 'estrangeiras' têm sido compelidas a ser os sujeitos e os subalternos do império ocidental, ao mesmo tempo em que, de forma não menos importante, o Ocidente vê-se face a face com a cultura 'alienígena' e 'exótica' do seu 'outro'. A globalização, à medida que dissolve as barreiras da distância, torna o encontro entre o centro colonial e a periferia colonizada imediato e intenso. (ROBINS, K., 1991⁴ apud HALL, 2015, p.47)

O Brasil sempre teve abertura para receber refugiados e as leis em relação a isso foram se aprimorando ao longo dos anos. Em 22 de julho de 1997, o presidente Fernando Henrique Cardoso sancionou a lei número 9474, que definiu o mecanismo para a implementação do Estatuto dos Refugiados⁵. Deste modo, o Brasil se elevou, legislativamente, a um nível de referência internacional para proteção e acolhida de refugiados.

Apesar de o Brasil ainda ser uma boa opção de destino para os refugiados, comparado a muitos outros países, e de ter leis sólidas que garantem a entrada e permanência dos mesmos, há ainda, na prática, problemas estruturais a serem resolvidos. É preciso que haja ações efetivas para proporcionar a eles condições básicas de vida, como moradias, empregos e aulas de português. Aqui, como em outros países, eles também são muitas vezes alvos de racismo, preconceito e xenofobia.

⁴ ROBINS, K. Tradition and translation: national culture in its global context. In: CORNER, J.; HARVEY, S. (ORGS.). Enterprise and heritage: crosscurrents of national culture, Londres: Routledge, 1991.

⁵ http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9474.htm. Acesso em 10 de fevereiro de 2019.

3. ÁRABES EM SÃO PAULO

É fato que por ser um povo mais cosmopolita o paulistano, em geral, tem maior disponibilidade e até facilidade de aproximação com imigrantes. Não é raro encontrar pessoas na cidade que se relacionam de alguma forma com quem tem cultura diferente delas. Bairros como Bela Vista, Bom Retiro e Liberdade são exemplos de como a chegada de estrangeiros em São Paulo foi significativa e importante para o crescimento da economia e das relações culturais da cidade.

A maioria dos descendentes de estrangeiros que vivem em São Paulo atualmente, descendem dos refugiados e imigrantes que chegaram no Brasil na época da Segunda Guerra Mundial. Desde o início do século XX, a cidade recebe diversos estrangeiros que aqui fazem sua nova morada e muitos abriram estabelecimentos culinários, fazendo com que o paulistano habituasse seu paladar a sabores e aromas de outros países.

Segundo Lesser (2001), os árabes começaram a chegar em São Paulo no século XIX e essas migrações tiveram o volume intensificado no século XX, mais especificamente na época das Guerras Mundiais. Eram, em sua maioria, libaneses e sírios, homens que chegavam aqui a princípio sozinhos, tendo deixado suas famílias em seus países de origem, com ideia de retornarem após conseguirem juntar dinheiro no Brasil. Para isso, começaram a atuar como mascates, pois era um trabalho que visava rápidos resultados.

Já nessa época, segundo Lesser (2001), começaram a sofrer de preconceito e xenofobia, pois eram vistos como não-brancos numa época em que a elite brasileira era evidentemente racista. O próprio governo brasileiro tentou boicotar a atuação dos mascates limitando sua área de atuação, o que teve um efeito colateral, pois a partir desse momento, os árabes começaram a se estabelecer comercialmente em áreas urbanas fixas. Tal atitude fez com que obtivessem mais sucesso em seus negócios.

Apesar de, segundo Lesser (2001), a ideia inicial de muitos árabes que aqui chegavam ser a de retornar a seu país de origem após um tempo, como aqui prosperaram de um jeito que não imaginavam, e os conflitos no Oriente Médio na época estavam graves e sem perspectiva de trégua, muitos deles resolveram se estabelecer de vez no Brasil.

Lesser (2001) afirma que incentivados pela prosperidade, os árabes trouxeram suas famílias para cá ao mesmo tempo em que se iniciavam em comércios, geralmente de roupas, tecidos e também, restaurantes, firmando-se na sociedade brasileira. Esse grupo apresentava características mais urbanas, e não rurais como outros imigrantes que vieram para o Brasil na

mesma época, e logo os brasileiros se adaptaram à presença árabe no território, pois eles ascenderam na cena política e social, influenciando os costumes locais, inclusive o gosto culinário.

Essa presença ficou altamente marcada no centro antigo de São Paulo, onde os árabes e seus descendentes mantiveram, ao longo de anos, comércios, principalmente restaurantes de culinária típica de sua região, em áreas que os paulistanos já reconhecem como redutos para adquirir comidas árabes. Nesta cultura, é muito comum que os comércios sejam passados de pais para filhos, deste modo, os restaurantes tipicamente árabes do centro, que foram abertos no início do século XX, acabaram se tornando tradicionais na região. Nesse contexto, a abertura de estabelecimentos que vendem comida árabe, como o Al Janiah, é favorecida pela familiaridade que os moradores de São Paulo têm com essa culinária, pois já estão minimamente familiarizados com essa cultura, com esse povo, e principalmente com a comida típica.

4. A QUESTÃO DA ALIMENTAÇÃO COMO IDENTIDADE, RESISTÊNCIA E INTEGRAÇÃO

A questão da alimentação é complexa, pois é um campo que se relaciona com diversos aspectos da vida humana: fisiológico, sociológico, identitário cultural, de resistência e, por fim, de integração. Cada um deles está ligado aos outros e para avaliar se os imigrantes e refugiados árabes conseguem se integrar no Brasil por meio do trabalho com comida faz-se necessário esclarecer alguns aspectos relacionados mais diretamente à questão da alimentação.

Primeiramente, a alimentação é uma necessidade fisiológica vital do ser humano. Este fato faz com que ela esteja presente em vários momentos do cotidiano das pessoas e, por ser tão trivial, acaba por ter uma força socializadora importante no sentido de ser um hábito que comumente elas partilham entre si.

[...] Ter que comer é uma trivialidade muito primitiva e baixa, própria do desenvolvimento do nossos valores vitais, indubitavelmente a cada indivíduo. É isto justamente que possibilita a reunião dos indivíduos para compartilhar uma refeição e, nessa oportunidade, desenvolver um tipo de socialização que permite a superação do simples naturalismo do ato de comer. (SIMMEL, 2004, p. 165)

Simmel (2004) afirma que o que os seres humanos mais têm em comum é que precisam comer e beber, e que o ato de comer é o elemento mais egoísta da natureza

humana, pois todos os demais são plausíveis de dar conhecimento a outro indivíduo, porém o que se come nunca poderá ser comido por outra pessoa. Logo, a refeição pode ser considerada o ente sociológico dessa necessidade fisiológica e universal.

Quando o grupo social se reúne para o ato do preparo coletivo dos alimentos, agindo dentro dos preceitos de sua etnia, torna mais forte os laços que determinam o convívio, e depois do preparo coletivo, virá a refeição coletiva, o ato comensal propriamente dito (BRITO, 2004⁶ apud ABDALLA e BASTOS, 2015, p.30).

Sendo assim, considera-se a alimentação como um fator que cria noção de identidade cultural, não só no aspecto de sabores e ingredientes, que são obviamente muito importantes neste caso, mas também no modo em que as pessoas se portam à mesa, em que tipo de lugares comem e com quem, ou seja, nos hábitos alimentares de um determinado povo.

Para poder justificar a comida como meio de criar uma noção de identidade nos indivíduos, é importante perceber como funciona a questão da identidade cultural em si. Stuart Hall afirma que:

[...] As culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre 'a nação', sentidos com os quais podemos nos identificar, constroem identidades. Esses sentidos estão contidos nas histórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com seu passado e imagens que dela são construídas. (HALL, 2015, p. 31)

Entende-se assim que, além de definir características de um determinado grupo, a alimentação pode também criar uma identificação das pessoas com suas próprias culturas.

Stuart Hall também faz referência a Kevin Robins⁷ (1991 apud HALL, 2015, p.47), que nos lembra que "o capitalismo global é, na verdade, um processo de ocidentalização" e aponta como a cultura ocidental é vista como a "oficial" e tudo diferente disso é visto como o "exótico", "fora do comum". Considerando-se essa questão, pode-se afirmar que quando os imigrantes e refugiados árabes chegam em um país com características ocidentais, muitas vezes têm julgados como "estranhos" vários aspectos de suas culturas, e acabam tendo o desafio diário de não terem seus costumes suprimidos pela cultura local.

Os ritos do ato comensal e da hospitalidade são próximos e evidenciam a etnicidade, expõe algo que o imigrante traz consigo, o desejo de tornar evidente a manifestação de saudade da terra de origem ao servir, além de café e água, acepipes típicos da etnia. (ABDALLA; BASTOS, 2015, p. 30)

Levando-se em consideração as características apontadas, a alimentação, para os imigrantes e refugiados árabes que, ao chegarem em São Paulo vão trabalhar com

⁶ BRITO, J.P. Entrevista. In: Estudos Históricos. Rio de Janeiro, 2004, p. 147-158.

⁷ ROBINS, K. Tradition and translation: national culture in its global context. In: CORNER, J.; HARVEY, S. (ORGS.). Enterprise and heritage: crosscurrents of national culture, Londres: Routledge, 1991

restaurantes – pois é uma opção viável para quem chega sem falar português numa cidade em que come-se rotineiramente fora de casa –, pode ser considerada, em alguns casos, um meio de resistência cultural, que ajuda a preservarem e terem contato rotineiro com pelo menos uma parte de suas culturas no novo território.

O Al Janiah é um bar de bebidas e culinária árabe, que promove eventos culturais e políticos. Seu proprietário, Hasan Zarif, emprega diversos refugiados e imigrantes, muitos deles árabes. Alaa Kaseem, o gerente do estabelecimento, que se considera sírio-palestino, está no Brasil há mais de dois anos em situação de refúgio e afirma que o espaço é um lugar onde ele consegue ter contato direto com a sua cultura, por causa, segundo ele, da música e comida árabe que são presentes no espaço. (informação verbal, APÊNDICE A)

Segundo explicou Hasan, o falafel, famoso bolinho de grão-de-bico, é uma receita palestina. Hoje em dia é equivocadamente divulgado em alguns lugares como se fosse uma comida típica israelense, e ele diz que até nesse sentido, a confecção de falafel por mãos árabes é uma forma de resistência.

Nesse aspecto, então, a alimentação, mais especificamente a culinária árabe pode ser considerada um elemento integrador entre os refugiados, imigrantes e a população local. No caso do Al Janiah, a comida árabe integra seus funcionários estrangeiros no Brasil. Eles, direta ou indiretamente, por trabalharem lá, acabam aprendendo português e, segundo Hasan, (comunicação verbal, APÊNDICE A) prestam atenção nos eventos enquanto estão trabalhando, o que faz com que fiquem mais inteirados com aquilo que está acontecendo no cenário político e social brasileiro e também das lutas atuais do Oriente Médio.

5. CONFLITOS DO ORIENTE MÉDIO – PALESTINA E SÍRIA

O Oriente Médio tem uma diversidade religiosa, étnica, econômica e social extremamente vasta, e muitas vezes essas diferenças, já motivaram conflitos na região. Para compreender melhor as pautas do Al Janiah, deve-se entender como se iniciou o conflito árabe-israelense. Assim como para melhor compreensão dos motivos que levam os sírios a se refugiarem no Brasil – e em outros países – nos dias atuais, deve-se ter um breve panorama da Guerra Civil Síria.

5.1 O conflito árabe-israelense

O conflito árabe-israelense e a questão palestina são assuntos considerados delicados e extremamente complexos. Helena Salem (1991) afirma são problemas essencialmente políticos. A origem da disputa entre árabes e judeus é o advento do sionismo e implantação sionista na Palestina.

Em meados do século XIX, segundo Salem, (1991), a maior parte dos judeus vivia na Europa Oriental e atuava como pequenos comerciantes, onde a maioria da produção era feudal. Com a Revolução Industrial, o comércio burguês cresceu na região e os judeus começaram a ser vistos como rivais e concorrentes comerciais, o que levou a uma migração em massa por parte deles para a Europa Ocidental, Estados Unidos e América Latina. Porém, ao chegarem na Europa Ocidental, houve o reavivamento do antissemitismo, ou seja, ainda não eram bem vindos. Nesse contexto, surgiu o movimento sionista, que era uma proposta de criação de uma pátria para os judeus na Palestina, considerada por eles sua região de origem. Para transferir judeus bem sucedidos para uma área pobre e pouco desenvolvida, que era considerada a Palestina na época, era importante o apoio de uma grande potência, assim conseguiram que a Inglaterra os apoiasse.

Helena Salem (1991) também afirma que no início da imigração sionista, na segunda metade do século XIX, a Palestina integrava junto com os atuais Síria, Líbano e Jordânia, a região denominada Grande Síria, que era tecnicamente atrasada e semi-árida, sendo que a principal atividade era o comércio. O mundo rural era isolado e fechado em si mesmo e havia certa unidade no mundo urbano.

A Palestina não tinha fronteiras demarcadas quando os primeiros sionistas chegaram na região. Suas fronteiras foram estabelecidas entre 1906 e 1922. A essa altura, o comércio já havia decaído bastante e a indústria era praticamente inexistente. Viviam lá árabes-palestinos que se identificavam com a terra e também entre si. (SALEM, 1991)

Em 1917, segundo Salem (1991), o ministro britânico James Balfour escreveu a Lord Rothschild o que veio a ser chamado de Declaração de Balfour, em que afirmava que estavam decididos a construir um Lar Nacional para os judeus na Palestina. Desse modo, foram abertas oficialmente as portas para a implantação sionista na Palestina. Assim, já na primeira leva de judeus que chegaram na região, houveram atritos. A Inglaterra apoiou os judeus vendendo-lhes armas, o que facilitou sua imigração para a Palestina.

Entre 1932 e 1938 a perseguição nazifascista aos judeus na Europa levou milhares deles para a Palestina, ocasionando greves na região, com a população árabe se opondo aos ingleses e sionistas. O Haganah, que era o exército clandestino judeu começou a atuar com as autoridades coloniais britânicas na repressão aos árabes. Nascia então o embrião do futuro Exército Israelense. (SALEM, 1991)

Com a Segunda Guerra Mundial, Salem (1991) afirma que os judeus foram amplamente perseguidos na Europa, o que os levou a fugir para a Palestina. Nessa época entraram lá, clandestinamente, 150 mil judeus pelo menos. Houve o surgimento de grupos terroristas judeus de extrema-direita, como o Irgun Zvai Leumi (Organização do Exército Nacional) e o "Lutadores pela Liberdade de Israel", conhecido por Stern. Seus participantes eram adeptos do mais indiscriminado terror contra árabes e ingleses, pois a essa altura, a Inglaterra já não estava mais apoiando os judeus.

Em 1946 houve a explosão do King David Hotel, onde estavam hospedados funcionários do mandato britânico. Os dirigentes do movimento sionista reagem com ambiguidade, declarando-se contra o terrorismo, mas, por outro lado, aproveitavam-se para pressionar politicamente as autoridades britânicas. A Agência Judaica criticava mas nada fazia de efetivo para impedir a ação dos terroristas. (SALEM, 1991)

Em plena Segunda Guerra Mundial a Grã-Bretanha não tinha capacidade de manter o domínio sob a Palestina, e em 1947 anuncia oficialmente sua retirada do país, entregando às Nações Unidas o encargo de decidir sobre a área, que, sem consultar a população árabe-palestina, votou em um plano de partilhar em um Estado judeu e outro árabe, com Jerusalém recebendo status internacional. (SALEM, 1991)

Em 1948, Salem (1991) afirma que é fundado então o estado de Israel, por Ben Gurion, líder da Agência Judaica. Os árabes, por sua vez, declararam guerra ao Estado sionista, porém estavam despreparados. A Inglaterra ficou ao lado deles e a Rússia, querendo se opor à Inglaterra, patrocinou os judeus com armamento. Assim os árabes foram derrotados pelos sionistas e Israel passou a ocupar 78% do território palestino. O Estado Palestino desaparece do mapa, antes mesmo de se constituir oficialmente. O "sonho de Sion" havia se tornado realidade, e assim começou a diáspora palestina, também conhecida como Questão Palestina.

Segundo Hourani (1991), a partir daí, Israel recusou-se a receber de volta refugiados árabes e dedicou-se a receber judeus de diversos lugares, mudando a estrutura da população,

pois, em 1956, apenas cerca de 12% era muçulmana árabe e cristã. Após a criação de Israel, diversas comunidades judias do Oriente Médio deixaram de existir, tamanho foi o êxodo para o novo Estado.

5.2 A Guerra Civil Síria

A Síria passa atualmente por uma guerra civil. Em 2016, 12 milhões de sírios saíram forçadamente do país, sendo que desses, 5,5 milhões são refugiados⁸. Muitos deles migraram para o Brasil.

Apesar da Síria ser um país com um grande histórico de conflitos que são de alguma maneira interligados, pode-se considerar que a origem das migrações contemporâneas foram as consequências da chamada "Primavera Árabe", de 2011. A "Primavera Árabe" foi o nome dado a uma época de diversas manifestações que aconteceram na Síria contra seu presidente, Bashar al Assad. Isto gerou uma crise de violência no país, pois ao reivindicarem por reformas constitucionais, tiveram o pedido negado, culminando na guerra civil que se estende até os dias de hoje. (ZAHREDDINE, 2013)

Geograficamente a Síria está localizada num ponto estratégico e que foi palco de guerras e batalhas ao longo da história. Sua sociedade sempre teve a presença de minorias étnicas e religiosas importantes. Esses fatos influenciaram diversos problemas vividos pelo país hoje.

Havia no Oriente Médio o domínio francês e houve muitas mudanças territoriais num curto espaço de tempo. A Síria conseguiu sua independência em 1946 e se tornou um país de maioria muçulmana, (70% da população). O restante eram minorias importantes, como cristãos, alauitas, entre outros. Após a independência, sua história política foi conturbada, com diversos golpes, até 1971, quando, por meio também de um golpe militar, Hafez al Assad toma o poder, sendo substituído apenas em 2000, ano de sua morte, pelo seu filho, Bashar al Assad. (ZAHREDDINE, 2013)

Zahreddine (2013) afirma que Bashar al Assad, de família alauíta, sempre teve mais popularidade com a minoria da população, assim como seu pai. Por isso, nunca teve o apoio de seus aliados políticos para reformas que tivessem mais impacto político ou social.

A sociedade síria é altamente complexa, sendo composta por uma grande diversidade étnica, como curdos e armênios, e religiosa, como sunitas, alauitas, cristãos, drusos e xiitas.

⁸ Disponível em <https://www.unhcr.org/statistics/unhcrstats/5943e8a34/global-trends-forced-displacement-2016.html> Acesso em em 15 de fevereiro de 2019.

Em 1948, com a criação do Estado de Israel, a região recebeu um alto fluxo de refugiados palestinos. (ZAHREDDINE, 2013)

Desde 1971, a "estabilidade" que viveu a política síria se deve ao controle militar e uso de violência contra a população que fosse contra o governo. (ZAHREDDINE, 2013)

Com as independências tardias de países do Oriente Médio, algumas unidades políticas se destacaram mais que outras, gerando disputas regionais. (ZAHREDDINE, 2013)

Arábia Saudita e Irã prestam apoios antagonistas em relação à política síria. Enquanto a primeira é de caráter pró-ocidente, conservadora, apoiada pelos Estados Unidos e apoia a oposição, com envio de dinheiro e armas, o segundo é a favor de um regime islâmico, anti-imperialista e a forma de prestarem apoio é enviando material bélico e efetivo militar ao governo. Além disso, esses dois países mantêm aliança com demais atores no Oriente Médio, polarizando ainda mais o conflito e gerando violência e instabilidade. (ZAHREDDINE, 2013)

Historicamente, a região também é marcada pela polarização URSS X EUA. Hafez al Assad tinha estreitas relações com a União Soviética, enquanto os Estados Unidos tinham uma aliança estratégica com Israel. Com o fim da Guerra Fria, e consequente fracasso da União Soviética, os Estados Unidos se fizeram mais presentes na região. Com os ataques de 11 de setembro de 2001, houve o aumento da presença estado-unidense no Oriente Médio e isso gerou pressão aos seus principais antagonistas da região, como Irã, Síria, Líbano e também Hizballah. (ZAHREDDINE, 2013)

Resumidamente, é nesse contexto de opressão e polarização, que o povo sírio, em 2011, inicia uma série de manifestações e reivindicações, a chamada "Primavera Árabe", contrariando o governo e iniciando uma onda de violência tão grande que gerou a Guerra Civil, obrigando muitos sírios a deixarem seu país na condição de refugiados.

6. AL JANIAH – UM ESPAÇO DE MUITAS CULTURAS

O Al Janiah foi escolhido como objeto de estudo desta pesquisa por ser um espaço gastronômico árabe mais complexo que os demais do mesmo tipo de culinária. A ideia do proprietário, Hasan Zarif, quando inaugurou o espaço em 2016, era ser um bar com comidas e bebidas típicas palestinas, com eventos culturais e políticos. (informação verbal APÊNDICE A)

A pesquisa teve a finalidade de identificar neste espaço elementos integradores para os imigrantes e refugiados, especialmente funcionários árabes do estabelecimento, principalmente relacionados à questão de como a culinária típica é importante para a preservação de seus costumes e cultura.

Os procedimentos teóricos utilizados foram entrevistas com pessoas ligadas ao estabelecimento, observação participante e pesquisa teórica sobre a vinda dos árabes para o Brasil, alimentação, integração e resistência. As transcrições das entrevistas são apresentadas no APÊNDICE A.

Hasan é brasileiro, filho de palestinos. Seus pais vieram para o Brasil refugiados, em 1967 quando foram expulsos, segundo ele, junto com mais 750 mil palestinos por causa da guerra, na ocasião em que Israel ocupou a Cisjordânia e a Faixa de Gaza. Ele conta que como o Brasil sempre foi aberto a receber refugiados e imigrantes, por ter, na década de 1960 uma comunidade síria e libanesa estabelecida, e por ser conhecido como um lugar economicamente próspero para essa comunidade, esses fatores contribuíram para que seus pais, e outros palestinos, viessem para cá na época. (informação verbal APÊNDICE A)

Como muitos árabes que migraram para o Brasil, aqui seus pais trabalharam com comércio, e depois retornaram para o Oriente Médio mas não lhes foi permitido entrar novamente na Palestina, então ficaram na Jordânia, até seus falecimentos. O próprio Hasan, mesmo tendo familiares na Palestina, teve seu acesso ao país negado mais de uma vez nos últimos anos. (informação verbal APÊNDICE A)

Antes de abrir o Al Jannah, ele também trabalhou com comércio e com eventos ligados à questão cultural do mundo árabe. Na época em que pensou em inaugurá-lo, estava produzindo cerveja artesanal e por isso teve a ideia de abrir um bar que tivesse boas comidas e bebidas árabes com um preço acessível e também que seu espaço fosse aproveitado para eventos, como shows e debates. (informação verbal APÊNDICE A)

Em janeiro de 2016, o Al Jannah foi inaugurado em um pequeno espaço no Anhangabaú, no centro de São Paulo. O nome é o mesmo do vilarejo em que seus pais moravam na Palestina. No início os eventos aconteciam duas ou três vezes por semana. Após um ano, o estabelecimento foi transferido para o tradicional bairro do Bixiga, ainda no centro da cidade, em um espaço bem mais amplo. (informação verbal APÊNDICE A)

Seu funcionamento é de terça a domingo, e atualmente em todas as noites há programações variadas. Suas instalações abrigam dois andares e há, basicamente, três

ambientes: na parte inferior, funciona a cozinha e o bar principal, com diversas mesas no salão. Nesse local, há um ambiente interno, com um pequeno palco para shows, discotecagens e debates, e a área externa, que é um quintal, também com mesas e cadeiras. No andar superior, há uma sala menor, com poucas mesas e um pequeno bar, e uma espécie de mezanino que conta com algumas cadeiras, para eventos como rodas de conversa, debates e cursos.

É notadamente um lugar de militância, com eventos de pautas progressistas, que expõe e discute questões políticas, sociais e culturais, principalmente relacionadas ao mundo árabe e ao Brasil, ao mesmo tempo que vende bebidas e comidas típicas. Para Hasan, o que tem de mais marcante da cultura palestina no espaço é "a coisa da luta, da resistência. A Questão Palestina hoje sobrevive pela nossa identidade palestina." Mesmo com eventos culturais e comidas relacionados ao mundo árabe, para ele "o mais importante é o debate e a Questão Palestina como a gente coloca, através dos cursos" e o fato de empregarem refugiados e imigrantes, em sua maioria árabes – mas de outras nacionalidades também –, que, segundo ele, é uma forma de viverem em comunidade. Para ele é muito importante haver consciência mútua das lutas, tanto os brasileiros terem das lutas árabes, quanto o contrário também. (informação verbal APÊNDICE A)

A atmosfera do lugar é bem politizada, com diversos cartazes, livros e panfletos sobre a Questão Palestina. Pode ser considerado um ambiente de resistência da cultura árabe frente à cultura capitalista que é imposta em muitas metrópoles do Ocidente, fenômeno que não é diferente em São Paulo. No Al Jannah até o cardápio de bebidas é político. Os drinks têm nomes que remetem às cidades dos funcionários e à questão da libertação, como Palestina Libre, Retorno à Haifa e Free Yarmouk. Já seu cardápio de comidas traz opções de diversos pratos típicos árabes, como esfihas, quibes, coalhada, e o falafel, típico bolinho de grão de bico palestino. Também há pessoas vendendo doces árabes. Hasan crê que o sucesso do estabelecimento se dá também pelo fator de os preços serem acessíveis.

O bairro do Bixiga, onde está localizado, é um bairro conhecido por ter uma identidade multicultural e essa característica não foge ao Al Jannah. Suas pautas são, essencialmente, sobre cultura árabe e também brasileira, mas é um local aberto a múltiplos estilos, ritmos, culturas e temas. De shows de forró, jazz, samba, até debates com importantes políticos, como Eduardo Suplicy (PT) e Guilherme Boulos (PSOL), o ambiente

sempre tem um aroma de comida árabe no ar. Os frequentadores, muitas vezes, comem e bebem enquanto assistem aos eventos.

A frequência é muito alta, chegando em alguns eventos mais concorridos a não ter mesas para todos se sentarem. Segundo Hasan, passam por ali uma média de dez mil pessoas por mês. Ele crê que o grande fluxo se deve à comida boa, barata e aos eventos de música terem um valor baixo ou serem de graça (informação verbal APÊNDICE A). Foi possível observar que há um alto índice de frequentadores de classe média de São Paulo, que se interessam por política e cultura. Geralmente vão para lá para os eventos, ou simplesmente para encontrar com os amigos, fazer happy hour e jantar.

A observação participante do dia 23 de outubro de 2018 foi a noite que mais se distinguiu das outras. Nesse dia, havia a presença de Silvia Ferraro, PSOL, abordando o tema sobre como organizar panfletagens e atividades para estratégias de derrotar o candidato de direita, Jair Bolsonaro no segundo turno das eleições presidenciais, que seria em alguns dias. Havia muitas pessoas comendo e bebendo enquanto ouviam-na falar, e também, participando, dando suas opiniões. Mesmo a área do palco estando cheia, os outros ambientes também estavam, com pessoas que não estavam lá necessariamente para ver a palestra.

Outras observações participantes foram feitas entre os meses de outubro de 2018 e fevereiro de 2019. Todas elas com características parecidas. Ao chegar, o recepcionista anota o nome da pessoa em árabe na comanda. Por volta das 20h, o ambiente ainda está vazio e sem música, mas conforme as horas passam, mais pessoas chegam e a música começa por volta das 21h, às vezes ritmos brasileiros, árabes, latinos, depende da noite. É observado que muitas pessoas vão jantar e fazer happy hour em duplas, trios ou grupos. Dificilmente alguém vai para lá sozinho. Em muitos dias, havia mesas com pessoas comemorando seus aniversários entre família e amigos. Muitas vezes enquanto há uma atração musical no andar de baixo, há, ao mesmo tempo, rodas de debate, ou aulas, palestras, no andar de cima.

O Al Jannah também tem uma forte característica progressista antifascista, segundo Hasan:

Aqui a gente tenta, dentro da medida do possível, estar livre de assédio, homofobia, de qualquer tipo de fobia ou qualquer tipo de preconceito, então é um lugar também que se acontecer alguma questão, a gente vai tomar alguma posição. Não vai ser um lugar onde as mulheres vão ser assediadas ou os caras vão sofrer preconceito. São coisas que a gente toma um certo cuidado. Inclusive a gente colocou o Al Jannah à disposição de ser um ponto seguro se acontecer alguma coisa com alguém na rua dentro dessa perseguição que está aí mais fascista, de a galera

correr pra cá, a gente dá acolhida para pelo menos garantir a segurança pra ver o que faz depois. Então tem isso, aqui as pessoas se sentem mais seguras. (ZARIF, informação verbal, APÊNDICE A)

Segundo a frequentadora Mara (informação verbal APÊNDICE A), ela começou a frequentar o lugar sabendo que era um espaço gastronômico, político e cultural. Uma amiga a chamou para tomar uma bebida palestina no bar e desde o primeiro dia que foi, ainda no Anhangabaú, se identificou muito com a atmosfera de acolhimento do lugar e passou a ser frequentadora assídua.

Mara, por ser tão presente, ficou próxima de Hasan e tem uma roda de samba que se apresenta todo mês no espaço, sem cobrar couvert artístico. Ela disse que se lembrava que, quando o espaço abriu, saiu em um jornal que o Al Janiah era um novo lugar para se comer bem na cidade, então acredita que muito do sucesso inicial do estabelecimento foi devido à questão da alimentação (informação verbal APÊNDICE A). Depois que o bar se estabeleceu no Bixiga, as programações políticas e culturais passaram a ser diárias, às vezes com dois ou até três eventos diferentes na mesma noite.

Para ela, a alimentação é importante para a questão da resistência e integração dos funcionários estrangeiros. Ela afirma que a parte cultural somada à parte alimentícia do Al Janiah possibilita fortemente uma aproximação das pessoas que se reúnem numa celebração, possibilitando conversas que podem levar a ações políticas. Tanto Mara quanto Hasan frisam que o lugar, além de ser acolhedor com os imigrantes e refugiados, tem uma política antirracista, antimachista, antixenofóbica bem clara, inclusive com um cartaz na parede evidenciando essas questões. (informação verbal e transcrição do cartaz APÊNDICE A)

Pablo é um frequentador menos assíduo, que descobriu o Al Janiah como um restaurante politizado onde os funcionários são refugiados. Ele não acredita muito nas intenções de paz na região da Palestina, e prefere se ausentar a diálogos desse tipo, porém concorda que o estabelecimento proporciona aos refugiados um modo de resistência de sua cultura. Acredita, sim, na integração dos mesmos, inclusive diz que é visível pela qualidade do português que falam e pela estabilidade deles como moradores da cidade. (informação verbal APÊNDICE A)

De acordo com as entrevistas e análises das observações participantes realizadas para este estudo, há um consenso em relação ao poder de resistência e integração, onde a combinação particular de ações para contratação de estrangeiros, ações culturais e políticas

no espaço, preservação das questões culturais árabes através da comida e bebida, atuam de forma positiva na vida dos imigrantes e refugiados árabes em São Paulo.

7. CONCLUSÃO

A alimentação é elemento de necessidade básica da fisiologia humana, protagonista no cotidiano de qualquer comunidade, possui uma enorme força socializadora, contribui para a identificação de pessoas com suas culturas, fortalece a resistência quando aparentemente há poucas armas para se lutar e estimula de diversas maneiras a integração de refugiados e imigrantes com a nova cidade. Percebe-se, assim, a força da comida por si própria e também como elemento catalisador no sentido de estimular diversas importantes questões humanas.

O Al Jannah mostra que a culinária, além de poder ser considerada um elemento de resistência, é um grande ponto de integração, pois é importante para os funcionários árabes terem contato com sua cultura por meio da comida e, ainda, através dela conseguirem vínculos sociais que o ambiente de trabalho proporciona.

Segundo Stuart Hall, "há dois processos opostos em funcionamento nas formas contemporâneas de globalização" (HALL, 2003, p.45). De um lado, as forças hegemônicas, que em sua grande maioria representa a cultura ocidental, com sua ampla dominação cultural, e, de outro, as culturas locais, menores e que, em termos de dominância, são bem mais enfraquecidas, e subjugadas pelas hegemônicas. Mesmo assim, afirma que "Essas 'outras' tendências não têm (ainda) o poder de confrontar e repelir as anteriores. Mas têm a capacidade, em todo lugar, de subverter e 'traduzir', negociar e fazer com que se assimile o assalto cultural global sobre as culturas mais fracas."(HALL, 2003, p. 45)

O Al Jannah representa essa visão de Hall de modo significativo, pois é uma área de diálogo para a resistência palestina, árabe e antifascista na cidade de São Paulo, que em geral pode ser opressora com culturas antagônicas à ocidental. Tem a constante missão de conscientizar os frequentadores e seus funcionários sobre diversas questões, tanto locais quanto árabes, através de um ambiente de intercâmbio de conhecimento e cultura. Essas iniciativas propiciam elementos para as pessoas refletirem sobre os rumos que o mundo está tomando e também contribui para que busquem soluções para problemas contemporâneos, sejam eles de âmbitos globais ou pessoais.

Referências Bibliográficas

ABDALLA, A. R.; BASTOS, S. R. Alimentação e memória árabe na área central da cidade de São Paulo. In: **Contextos da Alimentação**, v.3, n.2, mai. 2015.

BARRETO, L. P. T. F.; **Refúgio no Brasil**. Disponível em: <<https://www.migrante.org.br/wp-content/uploads/2014/02/refugio-no-brasil.pdf>>. Acesso: 13 fev. 2019.

BAUMAN, Z. **Estranhos à nossa porta**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 2005.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.

HALL, S. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG. 2003.

HOURANI, A. **Uma história dos povos árabes**. São Paulo: Companhia de Bolso, 1991.

LESSER, J. **A negociação da identidade nacional: imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil**. São Paulo: Editora Unesp, 2001.

SALEM, H. **O que é Questão Palestina**. São Paulo: Brasiliense, 1991.

SIMMEL, G. Sociologia da refeição. In: **Estudos Históricos**, 33: Rio de Janeiro, 2004.

ZAHREDDINE, D. A Crise na Síria (2011-2013): uma análise multifatorial. In: **Revista Conjuntura Austral**, v.4, n.20, out. nov. 2013.

APÊNDICE A – Transcrição das entrevistas

Entrevista 1

Nome: Hasan Zarif, proprietário do Al Janiah

Data: 5 de fevereiro de 2019

1. Você nasceu e morou em São Paulo? E seus pais?

Não. Eu nasci no Rio Grande do Sul, meus pais e meus irmãos nasceram na Palestina, foram expulsos em 67 e eu nasci no Rio Grande do Sul e fui morar em 96 na Jordânia e na Palestina, só que na Palestina eu não podia morar, e fiquei 9 meses na Palestina com visto de turismo, então a maior parte do tempo eu fiquei ilegal e tive que ficar na Jordânia. Meus pais retornaram e acabaram ficando na Jordânia, não puderam retornar a Palestina, não deram permissão de retorno para eles, de visto, como para nenhum palestino, e eles tiveram que ficar na Jordânia. Acabaram falecendo lá e eu voltei para o Brasil, entre 2001 e 2003.

2. Por que os seus pais foram expulsos?

Meus pais e 750 mil palestinos, na Guerra de 67. Quando Israel ocupa a Cisjordânia, a primeira leva de refugiados expulsos da Palestina foi em 58, com a criação do Estado de Israel. 700 mil palestinos foram expulsos ou para dentro da Cisjordânia na Faixa de Gaza, ou Líbano, ou Jordânia, ou Síria, e uma parte para o Egito. Então você tem esse primeiro deslocamento de refugiados palestinos. Em 67, Israel ocupa a Cisjordânia e a Faixa de Gaza, daí tem mais uma leva de 750 mil refugiados que acabam, a grande maioria, indo para a Jordânia, uma parte para a Síria e uma parte para o Líbano. E entre esses refugiados, estava a minha família.

3. E eles resolveram vir para o Brasil?

É, a questão é que o Brasil é um país, ainda, é uma das coisas que a gente pode falar em 1967 e pode falar recentemente nessa migração nova de refugiados que vieram da Síria, que vieram mais da Guerra Síria, entre eles, palestinos e sírios...é que o Brasil sempre teve uma porta mais aberta para receber, e na época o pessoal veio mais de navio, de avião. Era um país que tinha acesso mais facilitado. Já tinha uma comunidade brasileira aqui também, mais sírios e libaneses, então facilitou essa coisa de propagar. Chegava-se no Brasil naquela época, o que meus pais falavam era isso, chegava aqui e o pessoal [falava] "ah você pode ter uma mala e trabalhar de mascate, ir para os lugares onde ninguém vai, onde não tem loja e pode sobreviver disso" e ninguém migrou pensando em ficar aqui 30, 40 anos. Todo mundo migrou pensando que a Palestina ia retornar em um ano, dois anos, mas saíram da situação do risco. Então primeiro eles foram para o campo de refugiados na Jordânia e depois para o Líbano para conseguir visto porque era onde tinha a embaixada brasileira mais próxima.

4. E você ainda tem família lá?

Na Palestina? Sim.

5. Você costuma ir visitar?

Então eu costumava até 2011. Em 2011 fui barrado de entrar na Palestina e eu tentei agora em julho deste ano [2018] com meu filho de 11 anos e a gente foi barrado novamente. Então eu vejo meus familiares indo para a Jordânia. Eu tenho minhas irmãs que retornaram e estão na Jordânia, mas na Palestina tem os meus primos, tem o pessoal, mas a gente não consegue mais acessar. A gente não acessa fisicamente mas está a gente tá ligado, a gente se comunica por WhatsApp, por Skype, então

tem uma relação direta. O vilarejo dos meus pais se chama Al Janiah que é o nome aqui do espaço. Então a gente tá se falando todo dia.

6. Antes de inaugurar aqui, você trabalhava com o que?

Eu trabalhei muito tempo com comércio, também trabalhei com muita coisa ligada com a questão cultural do mundo árabe. Eu produzi alguns filmes do Oriente Médio das produtoras daqui ou meu também sobre refugiados palestinos na Jordânia, basicamente isso, um pouco de casa coisa. Mas aqui antes do bar necessariamente, eu estava produzindo cerveja artesanal, que foi uma das coisas que também juntou a ideia do bar.

7. Em que ano o Al Janiah foi inaugurado?

2016.

8. Ele não era aqui né, neste espaço?

Não. A gente ficou de janeiro 2016 até janeiro de 2017 no Anhangabaú. Depois a gente veio pra cá janeiro de 2017.

9. O que você quis trazendo a cultura do seu país para o Al Janiah?

Eu acho que da cultura foi mais a coisa da luta, da resistência. A questão palestina hoje sobrevive pela nossa identidade palestina. Aqui você tem um vestido feito com bordado palestino feito a mão na década de 60 pela minha mãe na Palestina. Ela trouxe pra cá e prometeu que só iria usar na Palestina, então ela morreu sem usar, então isso é uma parte da história da Palestina que está aí. A gente tem a comida palestina, com sabores da Palestina, tem a dabke, que é a dança palestina, a música palestina, o curso de língua árabe. Mas o mais importante é o debate e a Questão Palestina como a gente coloca, através de cursos. A acolhida que a gente dá que não se pode chamar de ajuda, nem acolhida, porque o pessoal trabalha aqui, mas é uma forma da gente viver em comunidade, tem a ocupação que a maioria do pessoal que trabalha aqui mora lá, então tem uns aspectos que somam que praticamente tudo é Palestina, mas não tem uma coisa que a gente pensou em trazer. A Palestina livre é uma etapa em que primeiro os países árabes precisam se livrar de seus ditadores. A segunda etapa é o mundo também mais consciente porque também a Palestina... (interrupção) então tem tudo isso, essa troca os movimentos que têm consciência da nossa luta, a gente tem consciência da luta dos movimentos daqui, porque os palestinos também precisam se inserir por dentro do que está acontecendo aqui no Brasil, de toda essa conjuntura que a gente está vivendo.

10. Quais são as noites quem têm mais fluxo de frequentadores? Quando tem show, quando tem debate, quando tem curso ou isso é mais por exemplo de fim de semana?

Fim de semana, óbvio, na sexta e sábado, mas sempre tem alguma coisa acontecendo. Já teve dias da semana de terça e quarta da gente ter um debate aqui, uma mesa onde estavam o [Juan Carlos Monedero] que é um dos fundadores do Podemos com o Jessé de Souza junto com o Guilherme Boulos e tinha umas 400 pessoas. É uma mistura de coisas que vão acontecendo. Não tem dia certo para saber como tá isso aqui. A gente tem cineclube, debates, palestras, apresentações que às vezes surpreendem durante a semana. Não tem uma lógica aqui.

11. E frequentadores de todas as idades?

É. Por exemplo, amanhã a gente vai ter uma roda de psicanálise, que é uma roda de escuta, sobre um mês depois do atual governo, que tem a ver com conjuntura mas é uma psicanálise porque muitas pessoas precisam falar do que está acontecendo, o que estão sentindo nesse momento. Tem 2000

pessoas confirmadas, pode ser que venha 200 pode ser que venha 50, tem muita atividade e a gente não consegue entender muito bem.

12. Tem algum perfil específico de frequentador?

Tem um perfil de pessoas um pouco mais por dentro das pautas mais progressistas. Não é todo tipo de frequentador porque uma pessoa com uma visão pouco mais conservadora não vai entrar aqui porque, é falando grosso modo, como as pessoas vêm aqui: tem muita gente que acha que é lugar de puta, de viado, de muçulmano, de comunista... todas as pautas que estão jogadas na rua a galera joga. Então isso é bom, pra gente ótimo porque é um filtro também para a galera não vir aqui pra gente tem que lidar com essa galera mais conservadora, reaçã e burguesa que vai acabar destoando da nossa.

13. O Al Jannah foi inaugurado com restaurante ou desde sempre tem projetos culturais?

Foi inaugurado, desde o começo, quando estávamos em outro espaço, a ideia era ser um restaurante, um bar. A ideia sempre foi ter um bar com uma boa comida árabe e que tenha debates, música, festa e tal, não nessa dimensão que foi tomando, porque isso era pretensioso, hoje em dia temos atividades todos os dias, mas a ideia era ter uma atividade por semana, e sexta e sábado ter música aí um filme ou um debate durante a semana. Hoje a gente tem todos os dias. Aqui em cima é um lugar que a gente vai receber uma exposição que vem de Londres sobre Anakba. Aqui é um lugar que a gente pretende fazer formação política, ser um centro de estudos então a gente está preparando o espaço, e óbvio, que de sexta e sábado vira lugar de balada que depois das 23h, a gente põe música, muda a luz e vira festa, mas durante os outros períodos, a ideia é que seja um lugar de cursos e debates.

14. O Al Jannah é conhecido como espaço de resistência em São Paulo. Isso foi algo que você planejou ou foi um caminho que se tomou naturalmente?

Eu planejei que fosse mais um dos pontos que tivesse debates, que fosse aberto. Eu militei a vida inteira. Quando eu cheguei em São Paulo, fui militar no Jardim Pantanal, então eu sempre vi essa necessidade de ter espaços pra gente se organizar o Upa era uma biblioteca numa garagem, que pô, legal pra caramba a gente ter lugares que a gente possa fazer debate, e lá no Upa a gente fazia algumas coisas, tinha fórum, cinema, biblioteca. Isso foi em 2001, 2002, e eu vi uma coisa: nada melhor do que um bar que tenha um preço justo, uma comida a um preço justo, que seja lugar pra gente também ir, porque a gente precisa socializar mais, principalmente com a esquerda do jeito que está, fragmentada, vários conflitos e tal. Um bar que tivesse isso e que tivesse esses debates, que a gente pudesse juntar todo mundo. Só que também tem conflito pra caramba, a gente consegue trazer tudo pra cá.

15. Como o espaço do bar dá margem à conscientização política?

Além do uso do espaço pelas organizações e movimentos, muito do público que não está de acordo com o que está acontecendo aí fora nessa conjuntura dessa onda mais conservadora acaba vindo pro Al Jannah em busca de alguma resposta, ou alguma coisa. Isso rola muito principalmente na juventude por ser conhecido como lugar de resistência. Pessoal vem ver o que tem de curso, vem para debates. Isso pra gente é mais importante do que as próprias coisas que já são feitas de forma que a gente está direcionando fazer atividade, debate, enfim. Mas isso da galera vir buscar é bom. A gente tem em média de 10.000 pessoas que passam aqui por mês, é muita gente.

16. Você acha que tem gente que vem, por exemplo, só comer alguma coisa e acaba se interessando, ou é o contrário, a pessoa vem para o evento e acaba comendo?

Tem as duas coisas. Muitas pessoas vêm para o evento, a gente vê pelas comandas, que acabam saindo sem consumir, ou seja vêm para o debate, e tem as pessoas, eu vejo muita gente que fala, por exemplo: "o que está acontecendo?" e a gente: "vai para o quintal que está tendo debate", ou "você veio para o

debate?" "Não, vim comer" "Então, está tendo debate aqui" e a pessoa "eu posso ficar aqui?", e a pessoa ficar para assistir ao debate sobre segurança pública, que a gente teve com policiais antifascistas. Eu, por exemplo, três vezes que eu fui receber pra levar pra quintal, a galera: "eu quero acompanhar esse debate", então é bom porque o nosso interesse é que a galera faça as duas coisas. Agora tem uma galera que é formada, que é militante política, que fala "eu não tô a fim de ficar no debate" e vai para o quintal, mas vem para cá por aqui ser um espaço [de resistência]. Aqui a gente tenta, dentro da medida do possível, estar livre de assédio, homofobia, de qualquer tipo de fobia ou qualquer tipo de preconceito então é um lugar também que se acontecer alguma questão, a gente vai tomar alguma posição. Não vai ser um lugar onde as mulheres vão ser assediadas ou os caras vão sofrer preconceito. São coisas que a gente toma um certo cuidado. Inclusive a gente colocou o Al Jannah à disposição de ser um ponto seguro se acontecer alguma coisa com alguém na rua dentro dessa perseguição que está aí mais fascista, de a galera correr pra cá, a gente dá acolhida para pelo menos garantir a segurança pra ver o que faz depois. Então tem isso, aqui as pessoas se sentem mais seguras.

17. E já aconteceu isso de alguém estar na rua e precisar vir para cá?

Ainda não necessariamente de vir para cá, já de manifestação, da galera vir para pelo menos esperar baixar a poeira, ou de fazer reunião aqui por se sentir mais seguro.

18. Você acha que o fato de São Paulo ser familiarizado com a comida árabe é um facilitador do fluxo no espaço?

Eu não acho que São Paulo é tão familiarizado com a comida árabe. É com o kibe e a esfiha, mas por exemplo, na Penha deve ter aberto o primeiro restaurante árabe, né? Você tem os restaurantes árabes muito na região dos Jardins, na região central e nos lugares mais afastados, não. Agora acho que sim, agora você vê shawarma, falafel por tudo que é lugar. Mas eu acho que os árabes tem uma coisa com a culinária que é muito forte com o comércio. Em São Paulo todo mundo vive na rua comendo, não é uma cidade pequena que você pode almoçar em casa. A gente vive andando o dia inteiro nessa cidade, então você acaba comendo na rua, boa parte da população, então acho que isso facilita. E o lanche árabe é uma coisa atraente. Agora uma coisa boa é que caiu o preço da comida árabe, que era absurdo, era acessível para poucos. Comer em um restaurante japonês, ainda hoje, é caro. Então, o árabe não. O árabe hoje em dia é uma coisa mais popular. Você consegue ir com R\$50, jantar: comer e tomar alguma coisa, antes você não conseguia mas nem ferrando. Eu sei porque eu vivi a vida inteira comendo a comida da minha mãe e antes de chegar a galera dessa onda nova de refugiados, eu pagava uma grana para comer algo parecido com o que minha mãe fazia. Você pagava caro num restaurante árabe. Hoje não.

19. Para você, a culinária árabe é uma forma de resistência?

É uma forma de resistência sim, principalmente se você pegar a característica por exemplo da questão palestina. A gente tem o bolinho de falafel, que é típico do camponês palestino, a tradição do grão-de-bico, de guardar o grão-de-bico, de fazer o homus e o falafel pro inverno, de ter o mantimento. Hoje tem redes de fast food no mundo, israelenses, fazendo falafel e colocando o falafel como se fosse um produto israelense, então a gente usa até o falafel para colocar como resistência: o falafel é um bolinho de grão-de-bico palestino, é uma forma da gente manter e tal, e até isso eles tentam usurpar, então, é pela culinária também. Você vê um sanduíche de falafel feito por mãos árabes é diferente de um sanduíche de falafel feito por [israelenses]. O falafel é um bolinho palestino.

20. Eu sempre gostei muito de falafel e antigamente era difícil de encontrar. Hoje está bem mais fácil.

Mas você sabe por que pegou fácil o falafel? Porque juntou duas coisas. A gente está numa época em que as pessoas estão questionando comer carne está tendo uma onda vegetariana e vegana maior, está crescendo. E o falafel vem, como grão-de-bico, tem tudo o que você precisa, e é gostoso pra caramba. O sanduíche de falafel enroladinho no pão com preço de R\$15, R\$20 é perfeito, então casou.

21. Os funcionários são de onde? Como eles chegam até aqui? Aqui tem tanto refugiados como imigrantes?

Tem imigrantes e refugiados. A maioria do pessoal aqui vem pela ocupação de Ocupação Leila Khaled. Eu morei 9 meses na ocupação, então eu conheci a maior parte do pessoal. Mas isso no começo. Hoje não. Hoje a gente tem cubanos, sírios, argelinos, palestinos, tem pessoal daqui, que vão chegando através das coisas que acontecem em torno da gente. O cubano chegou porque conhecia o palestino que morava no mesmo bairro mas os dois se conheciam porque eram estrangeiros, e assim vai. Mas hoje a galera as vezes chega pedindo emprego. Teve um haitiano que trabalhou aqui que chegou um pedido que chegou "olha, eu sei que aqui é um lugar que pega refugiados" e trouxe o currículo. Pessoal chega por vários meios, na luta de chegar mesmo.

22. E geralmente quem vocês contratam, já trabalhava com comida, com bar?

A grande maioria que a gente contratou, além de não ter trabalhado com comida, não fala português direito. Então tem uma dificuldade grande de ser contratado em outro lugar. Tem funcionário que trabalhou no Brás, recebendo salário de R\$1000, trabalhando sete dias na semana. É a condição que eles podiam. Com a dificuldade do idioma, é difícil trabalhar. A galera não emprega, e quando emprega, em restaurante árabe, emprega na cozinha para lavar louça ou ajudante de cozinheiro, auxiliar de cozinha. Então a gente sempre fez essa coisa de apostar, de aprender na marra. Eles erram pedido, mas é uma forma deles também valorizarem o espaço. E a gente não só integra, não só nessa questão do "vamos empregar". A gente está mantendo uma média salarial que é praticamente o dobro do mercado. A gente teve uma dificuldade no começo de registro do Al Jannah, a gente registrou errado o CNPJ, a gente não podia registrar ninguém. Hoje a gente tem 16 pessoas com carteira assinada, praticamente todo mundo. Praticamente não...todo mundo que trabalha tem carteira assinada, que trabalha efetivamente, são 16 e a média salarial está o dobro do mercado com o empregado trabalhando 39 horas semanais, 5 horas abaixo, e não tem uma hierarquia muito definida, é meio livre, tem essa condição toda, mas foi difícil chegar até aqui, a gente tomou porrada pra caramba nesse meio do caminho. Falta uma compreensão do pessoal do que é tentar organizar o espaço, manter o espaço em pé, e poder fazer isso pra poder consolidar, mas enfim faz parte.

23. Você acha que pra funcionário trabalhar no Al Jannah é uma forma de integração com a nova cidade?

Também, mas eu acho que eles integram com uma parte da cidade. A galera que vem direto pra cá, que não passou por outras etapas, não passou pelo Brás, ela conhece um público que é um público legal, conhece uma parte da cidade. A gente fala "calma pessoal, vai lá fora", porque o pessoal fica "não porque no Brasil..", ficam comparando com o mundo árabe e a gente "não, calma aí, tudo que você está falando que tem no mundo árabe, tem, é que você não encontrou ainda, você vai encontrar, tem galera preconceituosa, tem racista", e tem uma galera que já passou também que acaba tendo já uma bagagem. Mas integra. Integra porque ele acaba participando. A gente discute direto. Agora por exemplo a gente está discutindo a questão do trem na Bela Vista, do metrô aqui na Bela Vista. A gente discute várias coisas que passa por eles, eles escutam, prestam atenção. Às vezes estão trabalhando no bar mas estão ligados no que está acontecendo nos debates, então acaba integrando sim. E outra coisa, por exemplo, tem os brasileiros que trabalham aqui. Tem o Caio que mora em Cidade Ademar, que conhece a cidade inteira. O Caio faz negócio com todo mundo, todo mundo se integra, o Caio faz

negócios. A gente chama ele de roleiro, ele trabalha no bar. Todo mundo que precisa de alguma coisa ele dá um jeito de arrumar, e aí vai integrando. Tem o futebol que a gente joga toda semana, então acaba levando para outros lugares da cidade, acaba tendo outras coisas, a gente tenta. A gente saiu todo mundo junto no final do ano, para Piracicaba num sítio. A gente tenta fazer algumas coisas. Mas eu acho que essa mistura com os brasileiros que também trabalham aqui que ensinam muitas coisas para os refugiados que aprendem muita coisa com eles, é uma forma do espaço integrar mais, é a troca que existe aqui dentro.

24. O espaço recebe clientes árabes?

Recebe mas não são muitos, não.

25. Como é a questão da resistência da cultura árabe para você? Você crê que através da comida há a resistência da cultura? Para os funcionários isso é importante? Os eventos que aqui acontecem, promovem essa conscientização de resistência da cultura árabe?

A gente tem uma característica na nossa comida que ela tem um preço acessível. Então não é o preço alto. Não só a comida, mas a gente também tem nossa bebida árabe. A maioria dos nossos drinks tem nomes de cidades palestinas, e tem a ver com a história da galera que trabalha aqui, então é uma forma também. Mas a comida também é um atrativo para a galera vir para o bar, o preço, as coisas e os debates. Agora este ano a gente vai entrar mais a fundo principalmente agora depois que o Bolsonaro falou que quer transferir a embaixada, ele deu uma cutucada pra gente fazer mais atividades, mais cursos, então este ano vai ser um ano bem importante de luta palestina e rearticulação. Obrigado Bolsonaro.

26. Você mudaria alguma coisa aqui? Tem algum problema estrutural ou conceitual?

Estrutural sim, mas está fora do nosso alcance porque o prédio não é nosso e a gente paga um aluguel caro, mas perto do que era, está incrível, perto do que era lá embaixo. Agora na questão da estrutura não física, mas do espaço, eu mudaria algumas coisas do começo, que deu muita confusão, muita briga de entendimento do que era o espaço. Ao mesmo tempo que é um espaço que tem toda essa característica, é um bar, tem CNPJ, paga salário, que está dentro do sistema capitalista, que precisa comprar da Ambev, da Heineken, da Coca-Cola, precisa revender, precisa ter lucro e precisa pagar, pra se manter em pé, e faltou uma compreensão da galera no começo que começaram a tomar decisões de uma forma que a gente estava quase fazendo assembleia pra tomar decisão de algumas coisas, que não é viável nesse processo. Algumas coisas sim, se pode consultar quem está na luta com você, e outras coisas que não, porque ninguém consegue fazer tudo aquilo que é preciso para o bar a não ser quem está na frente, para manter o bar aberto. faltou um pouco de ter dado um basta nisso no começo, que ficou tudo muito solto, e acabou tendo uns problemas, mas fora isso, acho que não.

27. Você tem sócios?

Não. Mas tenho umas ideias. A gente tem uma coisa de consolidar de vez aqui financeiramente que a gente passa o tempo inteiro numa roda de vermelho, sair do vermelho, para tentar consolidar financeiramente para começar a abrir pequenos outros negócios mas não meus, junto com pessoas que já estão trabalhando aqui há mais tempo, deles começarem a ter uma espécie de franquia, mais com comida, mas que eles pudessem ter participação de metade do lucro e ser uma coisa deles, deles terem o seu próprio negócio. Esta é uma das ideias que a gente estava pensando em colocar em prática por agora, mas a gente precisa consolidar primeiro. Não adianta querer fazer outras coisas sem antes de consolidar, porque senão fecha e acaba tudo.

28. Eu estive analisando os eventos do Facebook, e a maioria é de música brasileira. Você faz questão que eles sejam da cultura brasileira ou algo que acontece naturalmente?

É naturalmente, eu faço a agenda dos shows aqui. Então toda terça-feira a gente tem a jam session que é instrumental, que são bandas daqui. Quarta-feira é o Gringa Music. Ao mesmo tempo que a maioria é brasileira, teve 76 apresentações de grupos estrangeiros, nos últimos dois anos. Quinta-feira é o dia que tem aberto, que a gente marca para os músicos daqui. Tem muita oferta. A gente está com a agenda fechada até o final de 2019, e é horrível porque a gente não consegue atender nem uma parte da demanda. Tem uma característica do Al Jannah que a gente cobra um ingresso barato, então tem muito público, e a gente repassa 70% para os músicos. Poucas casas fazem isso. As casa geralmente acertam cachê e a gente não, a gente dá 70% da bilheteria, e dá uma bilheteria grande porque o ingresso é barato e acaba vindo muita gente. Então músicos tocam, o que é um prazer, com a casa cheia, não tocam para poucas pessoas, tocam para muitas pessoas, e recebem um bom cachê, então tem uma procura grande de músicos para tocar aqui.

29. Em um evento no Facebook, a descrição estava "como estamos vivenciando um momento de violência, os que são contrários a certas propostas, atitudes de um candidato específico solicitamos também que não utilizem deste espaço para gerar mais discussões que serão em vão". Já aconteceu de vir gente com outras ideias, só pra confrontar os debates?

Não. O conflito que teve aqui foi dentro do próprio campo, mas alguém vir aqui defender ideias da direita, não. Já teve de a gente se confrontar, pegando como exemplo, dentro da conjuntura do segundo turno, da galera defender aliança com o Ciro, e outra, defender a candidatura do Boulos. Essas coisas dentro do campo, agora fora disso nem ferrando, até porque não tem nem espaço. Tem espaço, poderia falar, tem toda a liberdade, mas eu acho que a gente tem que debater como que a gente se organiza, como que a gente põe a luta e não vim a imbecilidade dessa onda conservadora vir pregar o ódio aqui dentro. Eu acho que isso não é antidemocrático, barrar isso. Já teve casos de cursos, isso sim, dentro do curso de história da Palestina e do Oriente Médio, de vir pessoas defendendo o sionismo de esquerda e tentar tumultuar os cursos. A gente manteve eles até o final do curso, mas a gente não vai deixar que se repita mais.

30. Qual é a relação do espaço com bairro, que é um bairro tradicional por abrigar diversas culturas?

A gente está tentando se inserir dentro do bairro. A gente tem as reuniões do Bixiga sem Medo, que a maioria é aqui. A gente também está dentro do Bixiga como restaurante. A gente está tentando participar das associações. Mas eu acho que o Bixiga nunca teve tanto árabe circulando dentro do bairro, então quando a gente anda aqui pelo bairro, a galera diz "ah, os árabes, os palestinos, os sírios". A gente vai na padaria e se conta três ou quatro árabes na padaria, se encontra na hora do almoço, porque a maioria vem morar aqui no bairro, inclusive os cubanos vieram para o bairro. Vieram cinco cubanos morar aqui, porque um trabalhava aqui, o segundo veio trabalhar e os outros que vieram de Cuba, acabaram e vieram para cá porque eles estavam aqui, então a gente meio que está começando a fazer parte do bairro. Você sente uma presença árabe no bairro que não existia antes, e isso é legal.

31. Você pretende retornar ao seu país algum dia?

Eu pretendo. Meu sonho. Eu não nasci na Palestina, mas eu queria poder entrar na Palestina sem ser interrogado por um soldado prepotente com um fuzil na mão, como invasor, e poder ter o direito de decidir se eu vou ficar na casa dos meus pais, que têm casa na Palestina, ou não. É essa a questão.

32. Mas você pretendia voltar pra morar lá?

Então, é uma coisa que eu não sei. Eu quero ter o direito de entrar na Palestina, e aí decidir se eu vou morar lá. Depende muito do que vai estar acontecendo aqui. Eu tenho filho, mas eu quero muito ir para a Palestina. Desde 2011 eu não entro na Palestina. Quando eu fui para a Palestina pela primeira vez, eu fui pelos fatos, pela narração da minha mãe e do meu pai, principalmente da minha mãe. É como se eu conhecesse toda a cidade, todo o vilarejo do Al Janiah. Minha mãe narrava as oliveiras, narrava tudo. O caminho, a casa de quem. Não é só minha mãe. Se você conversar com os palestinos, são praticamente todas as mães. A gente conhece a Palestina de uma memória narrada pelos pais. Mas é claro que eu quero ir muito para a Palestina, quero que meu filho conheça a Palestina, conheça o Al Janiah.

33. Quando seus pais chegaram aqui, trabalhavam com o que?

Com comércio, como a maioria dos árabes.

34. Eu queria saber se alguma coisa que a gente não falou que você gostaria de falar, ou sobre sua história de vida ou sobre o espaço?

Eu acho que a gente falou quase tudo. Mas é isso, é o espaço que a gente tenta fazer de tudo para estar dentro, e não por obrigação, para cumprir tabela, nem para ser politicamente correto, mas porque o que a gente defende, a gente tem essa carta, esse cartaz, não sei se você chegou a ver [apontando para o cartaz na parede*], que a gente toma porrada pra caramba, a gente já foi acusado de tudo aqui dentro, de machismo, de racismo, de trabalho escravo e isso me incomodou mais do que a própria direita, porque vem do fogo amigo, e depois de tudo que aconteceu, de fake news dessa eleição e tal, então uma das coisas que mais cansou a gente foi essa galera que tentou minar o espaço em vez de ajudar a construir ou pelo menos estar junto, ou usar o espaço. Então isso eu sempre falo porque eu tomei porrada pra caramba pessoalmente, e foi uma das coisas que quase fez a gente parar aqui, então a gente toma mais cuidado com o que a gente fala, ou que a gente faz, com a responsabilidade com a história das pessoas.

* O cartaz na parede, na versão em português e em árabe, fala:

"O Espaço Al Janiah está comprometido com uma política antiassédio que visa proporcionar uma experiência segura e agradável para a ampla participação: independentemente de gênero, necessidades especiais, orientação sexual, aparência física, raça, etnicidade, religião e condição sócio-econômica.

Nós, do Al Janiah não toleramos nenhuma forma de assédio ou desrespeito ao público que frequenta o espaço, sejam mulheres, homens, LGBTs.

Imagens e linguagens de caráter sexual discriminatório não são apropriadas e não serão aceitas neste espaço. Pessoas que violarem este código de conduta não poderão permanecer no local. A prática de assédio inclui comentários ofensivos relacionados com gênero, orientação sexual, aparência física, necessidades especiais, etnicidade, religião e status sócio-econômico, bem como intimidação, perseguição, repetida interrupção de falas e/ou outros eventos e contato físico sem consentimento.

As pessoas cujo comportamento infrinja essas regras de conduta serão advertidas e devem imediatamente cessar os comportamentos ofensivos, sob o risco de ser pedida sua retirada do espaço sem possibilidade de retorno. Caso você passe por essa situação, entre em contato com a administração do Al Janiah e exponha suas preocupações e o ocorrido.

Machistas, racistas, xenófobos, homofóbicos e abusadores não têm vez em nosso espaço.

Nestas situações, tomaremos as devidas providências para evitar qualquer insistência ou que esses atos de violência se repitam."

Entrevista 2

Nome: Alaa Kaseem, gerente do Al Janiah

Data: 5 de fevereiro de 2019

1. Qual é o seu nome?

Alaa Kaseem

2. De onde você é?

Sou palestino sírio

3. Você chegou quando no Brasil?

2015.

4. Você veio com a família ou sozinho?

Vim sozinho.

5. Quais os motivos de você ter vindo para o Brasil?

Para conseguir trabalhar, para viver melhor.

6. Você veio como refugiado ou imigrante?

Refugiado.

7. Antes de vir para o Brasil, você morou em outros países?

Morei no Líbano.

8. E você chegou no Brasil direto em São Paulo?

Sim, direto em São Paulo.

9. Quando você começou a trabalhar no Al Janiah?

Há dois anos e meio.

10. Antes de vir para cá você já conhecia o Brasil de noticiário, ou já conhecia alguém que tinha vindo para cá?

Eu não conhecia, mas por causa da guerra lá e vida difícil eu tentei sair para qualquer lugar, para trabalhar, mandar dinheiro para a minha família e aí eu fui para o consulado do Brasil no Líbano, perguntei se eles me dariam visto, e aí foi fácil. Eles falaram para mim que precisava dos papéis, de foto, do passaporte.

11. Você veio porque era fácil vir?

Sim.

12. E como foi chegar no Brasil? Achou bom, ou ruim? Foi fácil aprender português?

É um lugar diferente, quando eu saí no aeroporto, é diferente...

Hasan: Ele chegou de Beirute direto pra ocupação, foi o primeiro palestino que foi direto do aeroporto para a ocupação

Alaa: E aí na ocupação tem uma galera

Hasan: eu morava lá ainda quando você chegou

13. E foi fácil fazer amizade quando você chegou?

Sim, tenho amigos aqui. A primeira pessoa que conheci foi o Hasan.

14. No seu país você trabalhava com o que?

Eu trabalhei quase 6 anos em restaurante e de dia eu trabalhava com instalação de ar condicionado.

15. Você trabalha só aqui ou mais alguma coisa além daqui?

Agora estou só aqui.

16. No Brasil você já trabalhou com mais o que?

Quando cheguei, antes de abrir aqui, já trabalhei com várias coisas, loja de tênis...

17. Você já sabia falar português?

Não.

18. E como era trabalhar?

Eu trabalhei quase 3 semanas quando cheguei aqui com um cara árabe, no Brás, e eu não falava nada português, só cores, números...

19. E como você aprendeu português?

Conheci um amigo que me ajudou bastante.

20. Foi fácil?

Foi fácil mas não é muito fácil, é uma língua bem diferente, de inglês e de francês.

21. Aqui você trabalha com o que?

Gerente do salão.

22. Você já teve outras funções aqui?

Trabalhei como garçom quando cheguei.

23. De onde você veio, você já trabalhava com comida?

Sim.

24. Você fazia o que?

Eu trabalhei num restaurante que faz comida rápida.

25. Mas você que cozinhas?

Não, trabalhei 6 anos direto como garçom.

26. Você acha que trabalhar aqui foi uma forma mais fácil de se adaptar a São Paulo e criar uma rede de amizades?

Sim, foi. Daqui de São Paulo, e de fora.

27. Você acha que trabalhar aqui é uma forma mais fácil de preservar a sua cultura original?

Sim.

28. Você acha que um restaurante de culinária árabe em São Paulo é uma forma de resistência da sua cultura agora que você está longe do seu país?

Sim, porque nesse lugar fala a história da gente, do meu país. As vezes tem festa árabe, comida árabe, e o pessoal também, é sim.

29. Quais as formas que você tem de preservar sua cultura aqui no Brasil?

Não tem nada, porque lá é muito diferente, não é igual aqui, por exemplo, lá eu trabalhava e voltava pra casa, via minha mãe, minha família, senta e conversa...aqui é muito diferente, tipo, não faz nada, só trabalha e dorme e sai para trabalhar de novo.

30. Você acha que tem alguma semelhança entre a cultura brasileira e do seu país?

Acho que não tem.

31. O que você acha que é diferente?

Tudo. as pessoas, roupa aqui, roupa lá, comida.

32. E isso foi uma dificuldade de você se adaptar ao Brasil?

Sim mas tem que acostumar né.

33. Hoje em dia tem coisa que você acostumou?

Eu acostumei mas tem coisas que não.

34. Tipo o que?

Não é coisas...posso não falar? Não quero falar sobre isso.

35. Você pretende fazer o que no futuro? Sair daqui? Voltar para o seu país?

Eu quero fazer o meu trabalho, viver bem, ou trazer minha família para cá, ou ficar aqui e mandar dinheiro para eles. Porque eu vivo uma vida boa.

36. Você gostaria de trazer sua família para cá, para eles morarem aqui mesmo?

Queria muito.

37. Onde você mora aqui?

Na Aclimação.

38. Como é a questão da religião? Você tinha religião lá?

Sim.

39. E aqui você manteve a sua religião? Foi fácil manter?

Sim, mas tem coisas que são mais difíceis.

40. Qual é a sua religião?

Muçulmana.

41. Tem algo que não falamos, que você gostaria de falar?

Não.

Entrevista 3

Nome: Mara Rita Oriolo de Almeida, frequentadora do Al Jannah

Data: 6 de fevereiro de 2019

1. Qual o seu nome?

Mara Rita Oriolo de Almeida

2. De onde você é, e com o que trabalha?

Eu sou mineira na verdade. Nasci em Poços de Caldas, Minas Gerais e depois bem pequena eu fui morar em Mogi Guaçu, interior de São Paulo. Hoje trabalho na verdade no Sesc. Até pouco tempo trabalhava na coordenação da programação e no momento assumi uma gerência adjunta, então estou num cargo de gestão dentro do Sesc São Paulo na unidade de Guarulhos que vai inaugurar em abril deste ano.

3. Quando começou a frequentar o Al Jannah? Com que frequência?

Em dezembro de 2016, eu fui na verdade com uma amiga que me apresentou espaço e gostei muito. Daí eu comecei a ir toda semana lá e comecei a me senti muito acolhida e vendo a diversidade muito de perto e as pessoas sendo aceitas, cada uma com sua sua crença com sua cultura aquilo me chamou muito atenção e passou seu meu lugar de lazer mesmo na cidade São Paulo. Não sei se você algum momento pergunta sendo projeto que eu desenvolvo, mas eu vi no Al Jannah a possibilidade de acolher um projeto que eu tenho há nove anos, vai fazer nove anos em maio. Uma roda de samba espontânea, e eu vi nesse lugar uma possibilidade de trazer o evento para esse lugar. Conversei com o Hasan e aí por coincidência ele abriu o espaço partir de janeiro no Bixiga e eu marquei uma conversa com o Hasan. A partir de fevereiro a gente começou a fazer a nossa roda de samba lá, em fevereiro de 2017, e estamos lá desde então

4. Tem conhecimento do posicionamento político do espaço? Crê que os demais frequentadores tenham também?

Sim, é um espaço de militância. Eles se autodenominam assim. Na verdade eu conheci o espaço indo num debate sobre a questão da imigração. Foi naquele momento inclusive que teve o impeachment da Dilma, e das manifestações que nós fizemos pró-Dilma. O Al Jannah na verdade foi apedrejado quando era ainda na Álvaro de Carvalho. Depois dali nós tivemos vários debates ali pra discutir essa questão política. Então é um espaço de muita militância e muita política, tanto que, publicamente o Hassan que é o proprietário, fez campanha para o Boulos na nas eleições agora de 2018 para presidente do país. Eu creio que a grande maioria dos frequentadores tem conhecimento de que ali é um espaço de militância. As vezes acontece, por exemplo, de ter pessoas que vão ali e não sabem dessa militância, e, por exemplo, tem comportamentos misóginos, ou racistas, ou machistas. E já aconteceu de eu ver o Hasan expulsar essas pessoas do bar por conta disso então já teve caso de eles expulsarem um grupo de meninos que tinham tido um comportamento machista com uma menina. Então é muito normal eles fazerem esse tipo de coisa. Uma das coisas, por exemplo, que levou o Hasan a mudar toda cozinha...o Hasan era dono do bar e tinha um grupo de refugiados que tinha uma empresa, alguns deles eram outros não, mas que tinha uma empresa e essa empresa trabalhava dentro do Al Jannah com a cozinha. Foi quando aconteceu toda... eles tiveram uma treta... o Hasan também começou a questionar, ele não recebia nada. Eles tinham a cozinha e o dinheiro era todo deles. Algumas discrepâncias também com relação a isso, era um grupo de homens muito machistas e que as vezes tratavam as mulheres quase que desmerecendo a mulher, numa visão de que elas eram putas, como se puta fosse um problema também, que não é, é uma profissão, enfim. Mas eu sei que o Hasan teve embates com parte de alguns funcionários da cozinha, e foi uma das causas também de ter havido uma separação e ele ter contratado outras pessoas para assumir o restaurante ali dentro. Esse restaurante que hoje está na

Fortunato, era o restaurante desses caras, que tinham uma visão mais ortodoxa, porque o Hassan, é muito engraçado isso, ele sempre fala isso, ele é pró Palestina mas ele é ateu, e é comunista. Ou seja, ele não segue as questões religiosas, não acredita nisso, em casamento, ele é libertário. A questão dele é política, com relação a Palestina pelo viés da política. Ele respeita a religião, obviamente, entende e você não vai ver eles oferecendo carne de porco. O Hasan, por exemplo, não come carne de porco, que tem uma questão da tradição, da família, mas ao mesmo tempo ele é ateu, não acredita em Deus então daí você tem uma ideia. Todas as contradições que ele vive cotidianamente, mesmo assim levanta a bandeira, então acho que só isso já vale um respeito, uma admiração pelo trabalho que ele faz, mesmo todas as contradições que todo espaço vai ter, e lá também vai ter.

5. Você já participou de algum debate, ou outro evento, dando a sua opinião? Como foi?

Eu já participei de vários debates ali, relacionados a questão da imigração, também relacionados a questão das eleições. Eu tenho uma proximidade muito grande com o Hasan, então a gente conversa muito sobre possibilidades lá. Mas nunca dei uma opinião sobre algum evento específico. Dos os debates eu participo bastante lá.

6. Quais os eventos que mais gosta de ir?

Eu gosto de realizar, obviamente, a roda de samba que eu faço lá. Eu gosto muito de ir às terças-feiras que é a parte da jam session, que quando eles é convidam instrumentistas pra fazer um espaço de improvisação na música instrumental, então eu gosto muito. Eu também gosto muito de ir às quartas-feiras, que é o Gringa Music, que é um projeto do Yannick Delass que é um congolês e que é um projeto que ele traz diversos imigrantes que vivem na cidade de São Paulo e que são músicos, que tem trabalhos muito interessantes. Eu gosto muito de lá. E gosto também de frequentar as festas aos sábados, que são festas dançantes, já tivemos de tudo ali, hip hop, salsa, enfim, eu gosto muito de ir lá. Como eu disse, lá é um espaço que é como se fosse o quintal da minha casa. Então eu vou lá, e eu conheço todo mundo, eu vou sozinha então muitas vezes eu não tenho que fazer no sábado, estou sozinha a noite em casa, eu vou no Al Jannah, porque chegando lá automaticamente vai ter algum conhecido e eu não vou me sentir sozinha e eu vou conseguir desenvolver alguma coisa.

7. Você acha que a maioria dos frequentadores vê o espaço, como um restaurante ou como um centro cultural? Ou como as duas coisas ao mesmo tempo?

Eu já vi pessoas indo lá para comer, porque logo que abriu o Al Jannah e depois inclusive quando ele abriu no Bixiga, uma das primeiras reportagens que foi feita em São Paulo, não sei se foi a Folha, dizia que ali era um espaço hipster, que a comida era maravilhosa. Teve entrevista inclusive como chefe de cozinha na época, que é o menino que inclusive foi embora para a Fortunato junto com outros rapazes que cozinhavam. Então teve muita gente que procurou o Al Jannah após essa reportagem, que era considerado um dos lugares barato e com uma comida muito boa

8. Então muito da fama, veio por causa da comida, inicialmente?

Sim, veio por causa da comida, inicialmente. Aí quando foi ali para o Bixiga, que ele construiu um espaço, então por exemplo, o som, por exemplo, a questão da infraestrutura para shows era precária no início. E aí você vê hoje que tem um aquário montado ali com a mesa de som então o técnico de som ele faz a equalização pelo por um tablet né. Tem casas em São Paulo por exemplo que não tem isso ainda hoje, e já estão há anos no mercado,. Então você vê que tem um investimento ali na parte de eventos. Hoje eu acho que tem as duas coisas: tem gente que vai só pra comer, tem gente que vai pra comer e sabe que junto disso vai ter tudo isso com outros né que é a questão política, poder estar no lugar onde consegue se ver, se enxergar, entender que é acolhido ali numa visão de mundo ideológica

e tudo mais. Então eu acho que tem as duas coisas, tem gente que vai pras duas coisas, e tem gente que vai por uma ou por outra.

9. Mas geralmente o público é mais progressista?

Mais progressista, exato. Olha eu nunca vi ali ninguém com essa visão (não-progressista). Se teve alguém com essa visão não deve se aguentar ficar muito tempo ali, porque tem bandeiras ali, você olha as paredes tem frases pesadas, enfim. Pesadas que eu digo, no sentido de trazer questões de desigualdade, do capitalismo, fortes, e não tem como você estar ali não se envolver com aquilo. Eu acho que automaticamente quem vai sem saber o que está acontecendo, é uma seleção natural, não dá conta de ficar ali, e aí acho que acaba não voltando.

10. Você conheceu o Al Janiah, primeiro como bar, como restaurante ou como espaço cultural? Qual foi a primeira referência que teve do lugar?

Uma amiga minha me levou lá dizendo que eu ia tomar a melhor bebida palestina, foi isso que ela me falou, ela falou: "Mara, vou te levar num lugar que você vai adorar, que tem uma Palestina Libre, que é uma bebida incrível e é um lugar com debates", e falou da questão do refúgio, então eu fui sabendo que eu ia pra essas duas coisas, um bar e a questão política. A questão do restaurante veio depois, que eu fui, experimentei a comida e comida era muito boa, e aí, enfim, só agregou na verdade na minha visão do lugar, e é um lugar com preços baratos, eu acho, pra comida. Perto de outros lugares, numa Vila Madalena da vida, tudo é muito mais caro, e como eu não gosto da Vila Madalena, então eu me encontrei mesmo lá, no Al Janiah.

11. Você acha que o Al Janiah promove a integração dos imigrantes e refugiados com a nova cidade?

Olha, a luta principal é a Palestina, mas o Hasan é muito preocupado com essa questão da imigração, então por exemplo, ele desenvolve muitas atividades relacionadas aos bolivianos, já vi muitos almoço sendo feitos lá, e tudo mais, e com a questão dos haitianos, também já vi. Também Venezuela. São os três povos que eu já vi e que estão em situações complicadas em seus países, então eu acho que ele tenta muito isso. Na verdade o maior objetivo dele eu acho que é esse, é essa união desses povos que estão sofrendo pressão.

12. Através dos eventos?

É, através dos eventos. O Hasan é uma pessoa que não tem preconceitos, tudo que você chega lá e propõe pra ele, se ele achar que aquilo é bacana, é respeitoso, traz a questão da diversidade e da política, ele vai abarcar. Ele já abarcou, por exemplo, as questões relacionadas ao movimento sem teto, até porque, grande parte dos palestinos, inclusive que trabalham com ele, estão na verdade numa ocupação ali na Liberdade, esqueci o nome da rua agora, eu posso te lembrar depois, inclusive ocupação tem um nome de uma mulher, eu acho, uma Palestina, mas é uma ocupação séria que fica ali na Liberdade, e que tem, não só refugiados mas tem também outras pessoas, tem brasileiros, pessoas em situação difícil, com dificuldade econômica que não conseguem pagar aluguel e que vão preocupação. É tipo um Hotel Cambridge expandido. Eu não sei se é a mesma bandeira da Carmen, do Hotel Cambridge, porque tem vários movimento sem teto, tem o MTST, tem Forum de Luta por Moradia, o FLM, tem várias, são várias siglas. Precitaria obviamente ver qual é deles, eu não sei. Eu sei que quem coordenava lá, era o Di Função, que é um cara do movimento hip hop, inclusive da velha escola do hip-hop, mas que no momento já não está mais lá também na ocupação. Tem uma mulher se eu não me engano lá agora coordenando o espaço, mas assim, grande parte dos meninos que trabalha com ele, moram na ocupação. O Hasan já morou nesta ocupação inclusive, já teve eventos, por exemplo, no samba, ele me pediu, como no samba a gente não cobra a entrada, ele me pediu pra eu

pedir pras pessoas no final, no pagamento deixarem uma contribuição para moradia naquele momento que, logo depois que aconteceu aquele incêndio no Largo Paissandu, houve uma inspeção de todas mas as ocupações do centro, e eles iam passar por uma inspeção e precisavam comprar algumas, coisas, por exemplo, extintores de incêndio, e tudo mais, hidrantes, e aí ele me pediu isso eu lembro que eu cheguei a mobilizar as pessoas ali no próprio evento pra isso.

13. Acha que isso tem a ver com a culinária típica?

Sim, é óbvio que ele vai trazer aquilo que é o know-how dele que é a comida árabe, a comida palestina.

14. A integração e a resistência da cultura, você acha que tem a ver com comida também?

Tem, porque não dá para se falar em cultura sem falar em comida. Nem só em comida como vestimenta, religiosidade, tudo isso abarca a cultura, e eu acho que inclusive a comida é uma possibilidade de encontro. Acho que por meio da comida você permite, na verdade, diálogos interculturais, então o Al Jannah faz muito isso, ele leva por exemplo, almoços, tal e por meio dessa culinária se dão ali alguns movimentos políticos, que é um jeito da comunidade se reunir, que é o tornar comum a comunidade, ela se dá por meio da celebração, por meio da festa, diferente de outros movimentos políticos. Os movimentos populares se dão muito por meio da festa, da celebração, e a comida está ali, a bebida, tudo.

15. Particularmente, você crê que a alimentação pode ser uma forma de resistência e integração?

Total. Ela é sim possibilidade de resistência. Tanto a comida quanto a arte e aí quando junta as duas coisas, acho que tem uma grande possibilidade de aproximação das pessoas. Acho que a comida, ela aproxima as pessoas, ela acolhe as pessoas e aí quando você acolhe, você reúne as pessoas, numa celebração, você possibilita conversas e conversas podem levar a ações políticas.

16. Como é para você, na sua família, essa questão?

Bom, eu sou mineira. O cômodo maior da casa de um mineiro é a cozinha, então, eu cresci por exemplo com a minha vó chamando minha mãe, as minhas tias, primas, tias-avós, primas, na colheita do milho, que meu vô tinha sítio, então "vai sair a colheita do milho, vamos todo mundo se reunir para fazer pamonha", e iam aquelas mulheres para o quintal cozinhar o milho, depois ralar o milho, e aí bater, fazer o curau. A mesma coisa se dava com leite também, então lá também tinha criação de vacas, então se fazia doce de leite, queijo, e lá iam as mulheres pra cozinha. Então sempre se deu pela cozinha a reunião na minha cultura, que é uma cultura mineira. Onde que as pessoas conversam numa casa mineira? Na cozinha. Não vai ser na sala, vai ser na cozinha. E é muito louco, hoje eu moro numa casa muito pequena e quando eu mudei pra essa casa, para otimizar eu reformei, fiz um balcão daqueles americanos. Quem disse que eu consegui comer no balcão? Não consegui, eu tive que comprar uma mesa pequenininha, mas tive que comprar, uma mesa, cadeira, porque para comer, eu precisava sentar na mesa, então eu acho que a minha família isso é bem comum, a reunião se dá por meio da comida. Na verdade é como se fosse o motivo do encontro, é o comer.

17. Alguma coisa que não falamos, que você gostaria de falar?

Eu acho que toda vez que um estabelecimento levanta uma bandeira, ele vai sofrer todos os tipos de críticas, então por exemplo, o Al Janaih, tem pessoas que amam, e pessoas que odeiam, eu acho importante pontuar isso. Tem pessoas, inclusive palestinos, que não pisam no Al Jannah porque acreditam que o Hasan não está pensando na Palestina nada, que o Hasan só está pensando na questão comercial. Eu acho que o Hasan tenta fazer as duas coisas, até porque ele também precisa sobreviver. Não acho que isso é um problema. Tem gente que tem dificuldade de entender isso e acha que se eu

estou tendo um objetivo comercial não pode ter junto um objetivo político, só que, nós estamos num capitalismo. Só se a gente fosse uma outra sociedade pra gente poder dividir todas as coisas. E as pessoas precisam trabalhar, precisam comer. Eu acho que existem contradições ali como existe em qualquer lugar, em qualquer luta social. Mas eu acho que minimamente o Hassan tentar equilibrar essas coisas. Ao dar emprego, por exemplo pra esses refugiados, eu acho que tem política ali né, que é não deixar essas pessoas morrerem de fome, que é o primeiro pressuposto pra fazer história. O Marx falava isso: qual o primeiro pressuposto para fazer história? É vestir, comer e morar. Se eu não tenho essas coisas, eu não consigo ser o sujeito a minha história, então eu acho que quando ele vai lá e emprega todo mundo ali, e as vezes tem até mais funcionário que ele precisava, que as vezes ele faz isso, eu acho que é nesse sentido, de dar um mínimo de dignidade para que essas pessoas possam lutar por uma Palestina livre. E tem umas críticas que são feitas por exemplo que eu entendo mas mas não concordaria, como "lutar pela Palestina no Brasil é fácil", mas eu acho que quando ele levanta essa bandeira ele está levantando a bandeira da opressão imperialista frente a alguns povos, e aí o fato de eu levantar a bandeira da Palestina não significa que isso não esteja permeado de tantas outras lutas como por exemplo, as lutas indígenas no Brasil. Eu acho o que o Hasan tenta fazer, que eu acho que as vezes ele não é compreendido, é que ele levanta uma bandeira sim, de um povo sofrido, né, os pais dele sofreram isso. Mas ele tenta passar essa linha só do povo dele, e trazer para as questões que são globais, que são universais, que é " não tem que ter fronteira". As pessoas têm que ter o direito de andarem pelo mundo. Então eu acho que essas são coisas que eu pontuaria. Talvez você vá ler coisas com essas críticas, mas eu acho que tem muita coisa importante ali que o Hasan está fazendo, e é normal isso. E aí, outra coisa que eu ia falar é, toda luta social vai ter gente que não vai concordar, vai ter gente que vai falar que na verdade ele está se aproveitando. Isso acontece em todos momentos sociais. Se a gente falar do MST vai ter isso, o Movimento sem Teto, é outro exemplo. A gente tem várias frentes aqui em São Paulo, cada um coordenada por pessoas diferentes, com partidos, grupos partidários diferentes, e nem por isso uma luta é menos importante que a outra. Está todo mundo lutando por teto, por moradia, que é o mínimo da dignidade. A mesma coisa com a luta da imigração dessa questão do refúgio. Então as pessoas precisam entender isso, a gente não vai agradar todo mundo. E aí tem a outra questão, que é o Hasan ser Libertário e lutando pela Palestina que é islâmica e que obviamente têm uma visão ortodoxa. Mas não significa que as coisas não podem dialogar. E se a gente quiser uma sociedade melhor, eu acho que ele está trazendo um modelo interessante. Tem dia que tem todo mundo junto ali conversando, venezuelano, cubano. Ele tem cubano ali, trabalhando no restaurante, argelino, enfim. Eu acho que o que ele está tentando trazer é um modelo de diálogo por meio dessas pessoas. Agora, eu não consigo dizer pra você o que acontece ali no interior, mas sempre vai ter gente gostando e gente que vai criticar.

18. Você acha que paulistano, de modo geral, é um povo habituado com a culinária árabe, facilitando assim o fluxo no Al Jannah?

Sim, às vezes até com uma visão um pouco preconceituosa, mas eu acho que sim. O paulistano vive na cidade com maior número de restaurantes do mundo, de comidas do mundo. Mas eu acho que o Al Jannah é mais do que isso, ele virou um espaço cultural, político e artístico.

Entrevista - Pablo - frequentador - 10/02/2019

Entrevista 4

Nome: Pablo Rubinstein, frequentador do Al Jannah

Data: 10 de fevereiro de 2019

1. Qual o seu nome?

Pablo Rubinstein.

2. De onde você é, e com o que trabalha?

Rio de Janeiro, sou tradutor.

3. Quando começou a frequentar o Al Janiah? Com que frequência?

Quando ainda era no outro endereço no Anhangabaú, acho que vou mês sim, mês não.

4. Tem conhecimento do posicionamento político do espaço? Crê que os demais frequentadores tenham também?

Sim, são de esquerda, defensores do movimento de libertação palestino. Gosto de pensar que as pessoas sabem disso ao entrar lá.

5. Você já participou de algum debate, ou outro evento, dando a sua opinião? Como foi?

Não participei, sou cético em relação às intenções reais de paz na região, de qualquer que sejam os lados, e prefiro me ausentar desse diálogo.

6. Quais os eventos que mais gosta de ir?

Não consigo me lembrar de nenhum agora.

7. Você acha que a maioria dos frequentadores vê o espaço como um restaurante ou como um centro cultural? Ou como as duas coisas ao mesmo tempo?

Acho que é impossível retirar o carácter político e cultural da coisa, mas desconfio que seja mais um point na cidade para pessoas descoladas.

8. Você conheceu o Al Janiah, primeiro como bar, como restaurante ou como espaço cultural? Qual foi a primeira referência que teve do lugar?

Como um restaurante politizado em que os funcionários são todos refugiados.

9. Você acha que o Al Janiah promove a integração dos imigrantes e refugiados com a nova cidade?

Sim, o que é visível pela qualidade do português falado pelos funcionários, e ao que posso ver, sua estabilidade como habitantes da cidade.

10. Acha que isso tem a ver com a culinária típica?

Pode ser, numa cidade policultural, as cozinhas chamadas típicas são formas de representatividade.

11. Particularmente, você crê que a alimentação pode ser uma forma de resistência e integração?

Claro, é uma forma de perpetuar a cultura original dos imigrantes, e impedir de forma tácita que sua voz seja silenciada.

12. Como é para você, na sua família, essa questão?

Nunca discuti esse tema com familiares.

13. Você acha que paulistano, de modo geral, é um povo habituado com a culinária árabe, facilitando assim o fluxo no Al Janiah?

Sim, São Paulo historicamente tem árabes e comida árabe.